

N^o 279

Coleção

TEXTOS

ACADÊMICOS

Ano 2

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

**A EDUCAÇÃO E O COMPROMISSO
DO EDUCADOR**

Antonio Gomes Pinheiro Filho

Núcleo de Ensino Superior do Agreste - NESA
Campus Avançado de Nova Cruz

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
NÚCLEO DE ENSINO SUPERIOR DO AGRESTE - NESA
CAMPUS AVANÇADO DE NOVA CRUZ



A EDUCAÇÃO E O COMPROMISSO DO EDUCADOR

ANTÔNIO GOMES PINHEIRO FILHO

Monografia submetida à Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Comissão Res. nº 264/81 do CONSEPE, para fins de processo seletivo objetivando a inclusão de auxiliares de Ensino e Professores Colaboradores na referência inicial de classe de Professor Assistente. Natal - 1982.

SECRETARIA PARA ASSUNTOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA
PROGRAMA DE ESTÍMULO AO TRABALHO INTELLECTUAL
NATAL, JULHO DE 1982

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
NÚCLEO DE ENSINO SUPERIOR DO AGRESTE - NESA
CAMPUS AVANÇADO DE NOVA CRUZ



A EDUCAÇÃO E O COMPROMISSO DO EDUCADOR

ANTONIO GOMES PINHEIRO FILHO

Monografia submetida à Universidade Federal do Rio Grande do Norte, conforme Res. nº 264/81 do CONSEPE; para fins de processo seletivo objetivando a inclusão de Auxiliares de Ensino e Professores Colaboradores na referência inicial da classe de Professor As sistente. Natal - 1982.

PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

PROGRAMA DE ESTÍMULO AO TRABALHO INTELECTUAL

NATAL, JULHO DE 1982

PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA
PROGRAMA DE ESTÍMULO AO TRABALHO INTELECTUAL
COLEÇÃO TEXTOS ACADÊMICOS, 279

REITOR: Prof. Diógenes da Cunha Lima
VICE-REITOR: Prof. Esequias Pegado Cortez Neto
PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO: Prof. Pedro Simões Neto
COORDENADOR DO PROGRAMA: João Afonso do Amaral
EQUIPE DE APOIO: Jacinta Leite de Oliveira
Pedro Gutemberg Pinheiro de Souza
Roberto Anderson da Silva
José Tavares Filho
Jonas Rodrigues do Nascimento



Pinheiro Filho, Antonio Gomes.

A educação e o compromisso do educador. Natal, PRAEU, 1982.

30p.

Monografia (concurso) Univ. Fed. Rio Grande do Norte.

1. Educadores - Monografias. 2. Educação - Monografias. 3. Professores - Monografias, I
Título.

CDU 371.13(043.3)

A Universidade Federal do Rio Grande do Norte mantém um programa de estímulo ao trabalho intelectual que nasceu da necessidade de valorizar e difundir a produção intelectual acadêmica. Consiste, basicamente, na reunião de todas as dissertações, teses e monografias elaboradas por Professores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, num espaço físico a que denominamos "Banco de Estudos Universitários" e que serve como fonte de consulta à toda comunidade acadêmica.



A partir da classificação desses trabalhos, uma comissão composta por membros do Conselho Editorial e representantes dos departamentos acadêmicos, seleciona obras representativas de suas áreas, para publicação.

O programa prevê a edição de duas coleções: Estudos Universitários, com livros impressos em off-set pela Editora Universitária e Textos Acadêmicos, reproduzidos pelo sistema de mimeógrafo, pelo grupo técnico da coordenação do programa, na sede da Pró-Reitoria para Assuntos de Extensão Universitária.

A UFRN pretende editar cerca de 400 títulos através das duas coleções, ao mesmo tempo em que publica um Catálogo Geral demonstrativo de todo o esforço intelectual da comunidade universitária norte-rio-grandense.

É um programa ambicioso, mas simples e concreto como a vontade de fazer. Na medida em que estabelece um volume quantitativamente ousado de títulos para publicação, adota uma definição técnica no mínimo humilde para realizá-lo: a opção do mimeógrafo para a maioria das edições.

Há de ser reconhecido que a produção intelectual das Universidades tem sido dirigida para objetivos que escapam à produção ou transmissão de conhecimentos: promove currículos acadêmicos, ou é confinada em prateleiras. Em ambas as hipóteses, o ineditismo dos trabalhos conspira contra os seus verdadeiros desígnios.

Nosso programa atende ao objetivo maior de difundir o conhecimento assimilado ou produzido pela Universidade, revalorizando o esforço intelectual dos professores ao mesmo tempo em que estimula a sua aplicação. E nenhuma outra pretensão nos orienta.

Diógenes da Cunha Lima
Reitor

S U M Á R I O

Resumo	5
Introdução	6
I - A Essência Humana	8
II - A Sociedade	13
III - A Educação e o Compromisso do Educador	19
IV - Conclusões	28
Bibliografia	30

R E S U M O

A educação tem perdido nos últimos anos, não objetivamente, - no seio das transformações sociais, que aí, sempre existiu - mas no plano teórico, no plano das análises, seu caráter de força renovadora, de força que se coloca a serviço das mudanças estruturais profundas.

O descrédito dos educadores, não só na educação, mas até em si próprios como fator de mudança, tem sido a consequência mais nefasta oriunda de leituras pré críticas das obras dos autores que, tomando como referencial teórico o arsenal do estrutural-funcionalismo, exportam sua produção intelectual, que assimilada e erigida em ideologia educacional tem apenas contribuído para reforçar a estrutura de dominação das formações sociais em que são assimiladas.

Não tentaremos aqui desenvolver um trabalho crítico a estas teorias, não só porque acreditamos ser este um trabalho pouco útil, mas porque acreditamos ser o momento de sugerir propostas que possam contribuir no plano teórico, para reforçar o que muitos educadores nunca deixaram de fazer, na sua prática educacional.

Por isto, partimos de uma essência do homem, cientificamente demonstrada segundo o quadro teórico do materialismo histórico-dialético, passamos em largos traços pela compreensão da estrutura da sociedade capitalista, na medida em que esta sociedade tenta alienar cada um dos traços daquela essência humana, e finalmente procuramos captar no discurso do professor Paulo Freire, em sua obra Pedagogia do Oprimido, algumas das teses que compõem sua concepção de educação, na medida em que estas teses propõem direta ou indiretamente, a desalienação daqueles traços constitutivos de uma essência humana.

I N T R O D U C A O

O presente trabalho tem por objetivo propor alguns dos fundamentos teóricos que seriam pontos de partida para a formulação de uma pedagogia da essência humana.

Uma pedagogia que tem como ponto de partida a essência humana, terá que explicitar em primeiro lugar o que constitui a essência humana.

Para explicitar as dimensões que constitui a essência humana, partimos do quadro teórico próprio das classes sociais interessadas na supressão das condições de dominação e opressão da sociedade capitalista. Isto porque - como já foi amplamente demonstrado por alguns autores -, a visão do mundo das classes sociais dominadas, sempre foi no curso da História dos homens, a que mais se aproximou da verdade, da objetividade. Daí, porque partimos de uma concepção dialética da essência humana.

Adolfo Sanchez Vasquez, em Filosofia da Praxis, obra editada pela Editora Paz e Terra, 1968, tem um dos seus capítulos dedicado à essência humana. Nos pareceu um trabalho apropriado aos nossos objetivos, uma vez que encontramos nesta obra, muito bem delineados e expostos com bastante clareza e concisão, os traços constitutivos de uma essência humana segundo o referencial teórico que adotamos.

Estes traços constitutivos, o trabalho, a historicidade e as relações sociais, só podem ser entendidos em seu conjunto. O trabalho, como atividade exclusivamente humana só pode ser entendido, compreendendo-se também o homem como ser de relações sociais, isto é o homem trabalhando em conjunto com outros homens, tecendo uma teia de relações sociais.

Com o trabalho, e em relações com outros homens, retira da natureza seus meios materiais de existência e por esta atividade coletiva que se desenvolve no tempo, se constitui como ser histórico.

O homem, assim, ao mesmo tempo que é um produto do seu trabalho, produto das relações sociais e portanto, produto da História, pro

duz também cada uma dessas dimensões que o constituem como Homem.

Como qualquer concepção de educação deverá levar em consideração a sociedade em que ela se desenvolve, tecemos algumas considerações sobre a estrutura da nossa sociedade, que como sociedade capitalista, tem tentado alienar cada um destes traços constitutivos da natureza humana. Alienação que tem como origem, uma relação econômica determinada, relação entre capital e trabalho, com a fetichização das relações entre os homens, transformando-as em relações de troca, coisificando-as e com a alienação da dimensão histórica do homem impedindo-o de controlar politicamente e conscientemente as condições econômico-sociais do seu desenvolvimento histórico.

Finalmente, partindo da essência do homem aqui considerada e da sociedade que produz sua alienação, sugerimos uma concepção de educação que visa realizar esta essência, desalienando-a. Buscamos os fundamentos desta concepção de educação no pensamento de Paulo Freire.

Partindo do seu trabalho mais elaborado, mais amadurecido, "Pedagogia do Oprimido", tecemos algumas considerações sobre os temas centrais aí expostos. A concepção problematizadora da educação, a teoria da dialogicidade, a dimensão histórica do homem e a transformação da atual sociedade em sociedade do trabalho, como temas que apontam no sentido da desalienação do homem e no sentido da formulação de uma pedagogia que se ponha à disposição da transformação profunda das estruturas sociais de dominação.

A ESSENCIA HUMANA

Não pretendemos aqui, empreender uma investigação exaustiva sobre uma ontologia do homem, como já afirmamos na introdução deste trabalho. Esta seria uma tarefa que por si só exigiria um tratamento específico, dada a amplitude do tema e o nível ou profundidade das reflexões a serem desenvolvidas.

Trata-se apenas de captar algumas categorias fundamentais do materialismo histórico que tratam do homem, da essência humana. E isto com um objetivo muito delimitado no sentido de possibilitar o desenvolvimento de algumas considerações sobre a educação e o compromisso do educador, tema central deste trabalho.

Guiamo-nos fundamentalmente pelo apêndice 1:

"O conceito de essência humana em Marx" de Adolfo Sanchez Vasquez em sua obra Filosofia da Praxis, por nos parecer suficientemente claro, conciso e apropriado ao objetivo do trabalho a que nos propomos.

Tomando como ponto de partida os Manuscritos Econômico Filosóficos de 1844 vamos encontrar referências de Marx a uma essência do homem.

Esta essência, o que faz o homem se tornar diferente dos animais, é o trabalho. Pela produção dos meios materiais de subsistência o homem pôde no desenvolvimento da sua história criar as condições que o diferenciam e que o definem como homem.

Mas Marx, quando investiga as condições reais da existência do homem - sua realidade histórico-social - só encontra o trabalho como negação do homem, isto é, como trabalho alienado.

A história da humanidade teria sido a história da apropriação e desapropriação do trabalho, ou, o que dá no mesmo, a história da negação e afirmação da essência humana.

Temos como conclusão:

- "a - O homem tem uma essência.
- b - Sua essência é o trabalho.
- c - Essa essência só se manifesta em sua existência como essência alienada.

- d - A essência do homem está divorciada de sua existência
- e - A essência do homem nunca se manifestou efetiva, real, ou historicamente". (1)

Interpretando assim a existência real como negação de uma essência que não se manifesta efetivamente, está posta a possibilidade de criação das condições necessárias à realização desta essência em uma nova sociedade, no futuro, pela transformação da sociedade atual.

O real, o efetivo - o trabalho alienado e sua história - é o lugar de sua perda e de sua conquista. O homem real, concreto, é um homem sem essência, isto é, não existe essencialmente como ser humano, e sim, produzindo com o trabalho, um mundo humanizado e produzindo-se a si mesmo, marchando através de sua história (dessa história que está em contradição com sua essência), para sua verdadeira realidade humana.

Esta concepção de essência humana um tanto abstrata e especulativa bem como a concepção de história como história da humanização e desumanização do homem que a acompanha, é abandonada por Marx e Engels já na sua obra A Ideologia Alemã e a partir daí, em outras obras.

Foi no entanto um conceito que serviu como ponto de partida para formular a hipótese principal das obras posteriores, fundamentada cientificamente: O homem se cria, se produz a si mesmo com a sua praxis, fazendo assim sua história.

Trata-se pois, não mais de uma essência negada pelas condições materiais de existência, mas de uma essência captada nas condições reais de existência dos indivíduos reais.

O homem se define essencialmente pela produção, e desde que começa a produzir, o que só pode fazer socialmente, já está na esfera do humano.

"O que são, coincide portanto com sua produção, tanto com o que produzem, como com o modo pelo qual produzem". (2)

A produção não é fruto da ação individual, pois como já foi afirmado, o homem só pode produzir socialmente. Daí decorre que:

- 1 - O indivíduo isolado só existe como abstração.
- 2 - Que o indivíduo é um produto das relações sociais, que

1. K.Marx e F.Engels, citado por Sanchez Vasquez, Adolfo, in Filosofia da Praxis, Editora Paz e Terra, pg. 416.

2. K.Marx, citado por Sanchez Vasquez, Adolfo, op.cit., pg. 421.

são em última instância determinadas pelas relações de produção.

- 3 - Que uma essência humana definida a partir do indivíduo à margem destas relações sociais, é tão abstrata quanto o próprio indivíduo.

"A essência humana não é algo abstrato e inerente a cada indivíduo. É, em sua realidade, o conjunto das relações sociais".⁽³⁾

Mas, estas relações sociais que são criadas a partir do trabalho humano, e que decorrem do processo de transformação da realidade, evoluem e se desenvolvem no tempo. Não poderia o homem ter sua essência definida apenas pelas relações sociais e pelo trabalho. "Esse autoproduzir-se - como processo no tempo - faz dele um ser histórico".⁽⁴⁾

"A socialidade do homem implica necessariamente nas outras duas características essenciais; em primeiro lugar, porque o homem não é apenas um ser em relação, um nó de relações sociais, mas sim um ser cujas relações são por sua vez um produto humano, já que ele mesmo produz suas próprias relações sociais; por outro lado, essas relações mudam historicamente, segundo cada estrutura social dada".⁽⁵⁾

Daí decorre que uma concepção do homem, só poderá partir do conjunto dos três traços essenciais que são: Natureza social (relações sociais) natureza prática (produção) e natureza histórica. Este conceito de essência humana, permanece em O Capital não mais como "essência humana", mas como "natureza humana em geral".

Ao estabelecer a teoria do modo de produção capitalista, Marx estabelece a teoria das relações sociais que os homens contraem no capitalismo. Não homens abstratos, mas homens como produtos de relações que ocorrem nesta estrutura social.

Estas relações sociais - que se apresentam como relações entre coisas - são estudadas e explicitadas por Marx, como relações entre homens enquanto representantes de interesses econômicos e sociais, isto é, entre capitalistas e operários.

3. K.Marx, citado por Sanchez Vasquez, Adolfo, op. cit. pg. 422

4. K.Marx e F.Engels, citado por Sanchez Vasquez, Adolfo, op.cit pg. 423

5. K.Marx e F.Engels, citado por Sanchez Vasquez, Adolfo, op.cit pg. 423.

Estes homens - capitalistas e operários - "representam a forma social que adota o comportamento de indivíduos reais ao se inserirem nas relações capitalistas de produção".

"Marx estuda a essência de um e de outro como agente da produção, como personificação de determinadas relações sociais", vale dizer, a partir da maneira como se ligam à produção, ao mundo do trabalho. (6)

Também as análises sobre o trabalho em geral que são desenvolvidas em O Capital, independentemente das formas concretas como se manifesta em qualquer formação social e em quaisquer relações sociais, demonstram ser o trabalho um traço constitutivo essencial e universal do homem.

"O trabalho é, em primeiro lugar, um processo entre a natureza e o homem, processo no qual este realiza, regula e controla sua própria ação, seu intercâmbio de matérias com a natureza. Nesse processo, o homem enfrenta como um poder natural a matéria da natureza ... e ao mesmo tempo em que desse modo age sobre a natureza exterior a ele, transforma sua própria natureza". (7)

E nesse processo de transformação da natureza que o homem satisfaz suas necessidades, cria novas necessidades, cria uma teia de relações sociais e por esta praxis produtiva se cria a si mesmo, se auto-produz.

Além de traço essencial e universal do homem, o trabalho é atividade exclusivamente humana uma vez que só o homem tem consciência do processo do trabalho, enquanto processo subjetivo (projetar, planejar ou idealizar) e processo objetivo (executar, transformar).

Nas palavras do próprio Marx: "Partimos, aqui, no pressuposto do trabalho plasmado já sob uma forma na qual pertence exclusivamente ao homem... Ao contrário do animal, o homem antes de produzir materialmente, projeta, isto é, produz idealmente. Ao final do processo de trabalho, surge um resultado que antes de começar o processo já existia na mente do operário; ou seja, um resultado que já tinha existência ideal". (8) Por conseguinte, o homem se define pelo trabalho, mas

6. Sanchez Vasquez, Adolfo, op. cit. pg. 427.

7. K.Marx, citado por Sanchez Vasquez, op. cit. pag. 429.

8. K.Marx, citado por Sanchez Vasquez, op. cit., pg. 430.

são trabalha humanamente, quando transforma uma matéria, realizando nela seu objetivo", objetivo que ele sabe que rege como uma lei as modalidades de sua atuação".⁽⁹⁾

Cabe lembrar finalmente e mais uma vez que ao estudar o trabalho humano e as relações sociais, não está sendo repudiado o conceito de essência humana, mas pelo contrário, estes conceitos são pressupostos, são pontos de partida e serão encontrados explícita ou implicitamente em toda a obra de Marx. Trata-se pois, "de uma natureza humana universal que não é outra coisa senão a do ser trabalhador (prático) social e histórico".⁽¹⁰⁾

9. Sanchez Vasquez, Adolfo, op. cit., pg. 430.

10. Sanchez Vasquez, Adolfo, op. cit., pg. 432.

A SOCIEDADE

Acreditamos ser indispensável traçar um esboço, mesmo que esquemático sobre a sociedade. Uma concepção de educação não poderá prescindir da compreensão científica da sociedade concreta onde estão inseridos os homens, também concretos que serão sujeitos objetos de um processo educacional.

Uma vez registrados alguns traços fundamentais do que se constitui a natureza humana que nos permitem responder à pergunta, "que homem educar?" registremos também algumas categorias teóricas que nos permitem responder à pergunta seguinte: "Em que sociedade se encontra este homem?" - Aqui nos encontramos novamente diante de um tema muito amplo, que tem suscitado polêmicas e vários estudos e que têm apresentado resultados divergentes segundo a postura metodológica dos estudiosos.

Não pretendemos tratar a sociedade brasileira como um tema, não só por ser excessivamente amplo, e se constituir por si só como um tema específico ou conjunto de temas integrados, mas também porque iria desviar nosso esforço do tema que pretendemos tratar.

As considerações que aqui são desenvolvidas têm como objetivos principais:

- Registrar as características fundamentais da sociedade em que vivemos, como uma sociedade capitalista recorrendo a teoria geral dos modos de produção.

- Explicitar a forma como a sociedade em questão, fere, destrói e oprime os homens, considerados nos traços constitutivos de sua essência ou natureza como seres sociais e concretos, segundo as formulações colocadas no primeiro capítulo.

Afirmamos ainda que dados os limites do presente trabalho evitamos propositadamente assumir uma postura teórica definida, favorável a qualquer análise da sociedade brasileira e nos mantivemos exclusivamente no âmbito de uma sociedade capitalista em geral, ressaltando simultaneamente seu caráter destruidor, esmagador do ser do homem.

Não se trata ainda de esboçar todos os conceitos, de uma formação social capitalista, mesmo que resumidos, mas apenas de captar aqueles mais gerais na medida em que alienam o trabalhador, que fazem-no ser menos.

Estamos em uma sociedade em que a força de trabalho do homem (do operário) assume o caráter de mercadoria, em que o trabalhador, pressionado pelas condições histórico-sociais, é obrigado a vender sua força de trabalho como única mercadoria que possui. É, como é óbvio pelo fato de ser a única mercadoria que é inseparável de quem a possui, no processo de venda desta mercadoria o trabalhador se vende também. Passa a ser uma mercadoria.

O trabalho deixa de ser uma atividade vital em que o trabalhador se objetiva e assume o caráter de meio de subsistência.

Ocorre o que Marx cientificamente demonstra como processo de desapropriação de uma parcela do produto do trabalho, a extração da mais-valia. Daí decorre a contradição que passa a ser o tema central da teoria do modo de produção capitalista: "Aumento da riqueza num polo e da miséria em outro. (o Capital)

O fenômeno da pauperização da classe trabalhadora, tanto maior, quanto maior for a riqueza por ela criada, tem exatamente aí a sua origem.

Desta forma o proprietário dos meios de produção, se apropria dos produtos do trabalho e estabelece as condições em que se processará o trabalho, determinando assim a separação entre o produtor e os produtos e processos de trabalho.

Os produtos do trabalho, e também as condições de sua realização aparecem como subtraídos ao controle do trabalhador.

"Não se trata apenas de uma atitude subjetiva, mas sim de um fato objetivo. O sujeito não pode controlar o objeto. "O poder social, isto é, a força de produção multiplicada, que nasce por obra da cooperação dos diversos indivíduos sob a ação da divisão do trabalho aparece diante desses indivíduos por não se tratar de uma cooperação voluntária, mas sim natural, não com um poder próprio associado, e sim como um poder alheio, situado à margem deles que não sabem de onde vem nem para onde vai e que por conseguinte, já não podem dominar"... A alienação aparece, onde quer que os produtos humanos, não só os produtos do trabalho, mas também os de uma atividade social como o Estado -, sendo humanos, sociais, se erguem com uma autonomia e um poder próprios". (1)

1. Sanchez Vasquez, Adolfo, in Filosofia da Praxis, Ed. Paz e Terra, pg. 442, 1968.

Este processo de separação do trabalhador dos produtos de seu trabalho e dos processos que lhes são inerentes tem se manifestado historicamente de forma cada vez mais aguçada e no estágio atual de desenvolvimento do capitalismo - principalmente nos centros onde mais avançado ele se encontra - chegando mesmo a destruir o processo subjetivo do trabalho.

A unidade entre concepção e execução, mão e mente foi destruída pelo ataque sistemático da gerência moderna, elevando o nível de parcelamento do trabalho a uma sofisticação tal que, ao trabalhador só é dada a execução de um número muito limitado de operações estereotipadas e previamente estabelecidas, obedecendo ao planejamento concebido nas pranchetas da engenharia de produção.

"Essa tentativa de conceber o trabalhador como uma máquina para todos os fins operada pela gerência, é um dos muitos modos assumidos para o mesmo alvo: o deslocamento do trabalho como elemento subjetivo do processo do trabalho e sua transformação num objeto".⁽²⁾

Assim, o primeiro traço constitutivo da natureza humana, o trabalho, enquanto objetivo que se realiza e ao qual o trabalhador imprime sua atuação e sua vontade encontra-se ameaçada de destruição face às "exigências" do deus capital. A materialização das finalidades do sujeito humano encontra-se assim minada em suas bases.

Ou, como afirma Braverman: "Assim, após milhões de anos de trabalho, durante os quais os seres humanos criaram não apenas uma cultura social complexa, mas num sentido muito real também criaram-se a si mesmos, o próprio traço cultural-biológico sobre o qual se funda toda essa evolução entrou em crise, nos últimos duzentos anos, uma crise que Marcuse corretamente chama de "catastrófe da essência humana". A unidade de pensamento e ação, concepção e execução, mão e mente, que o capitalismo ameaçou desde os seus inícios, é agora atacada por uma dissolução sistemática que emprega todos os recursos da ciência e das diversas disciplinas da engenharia nela baseadas. O fator subjetivo do processo de trabalho é transferido para um lugar entre seus fatores objetivos inanimados".⁽³⁾

2. Braverman, Harry, in Trabalho e Capital Monopolista, pg. 157, Zahar Editores, 1977.

3. Braverman, Harry, Idem, pg. 150.

Estamos aqui diante do fenômeno da alienação sob um duplo aspecto. Primeiramente, frente a um fenômeno que se impõe objetivamente a partir do desenvolvimento histórico de uma relação econômica determinada: a divisão social do trabalho, como já foi aqui explicitada, e em segundo lugar e em decorrência dessa relação econômica o deslocamento do fator subjetivo do processo de trabalho, ou por outras palavras a destruição deste fator subjetivo. O trabalhador sofre a ação de forças sociais que subtraem do trabalho que ele executa, o fator subjetivo, isto é, impedem-no de idealizar, conceber, planejar, impedem-no de no trabalho, realizar o que de mais especificamente humano tem o trabalho.

No plano das relações sociais a objetivação do trabalho - os produtos do trabalho - não se manifestam como relação social, mas como relações entre coisas. A essência, a verdadeira natureza social dos produtos do trabalho humano manifesta-se de forma coisificada - como mercadoria. A transformação do produto do trabalho humano em mercadoria confere a esse produto, um caráter misterioso, fantasmagórico. É o que Marx chama de fetichismo da mercadoria.

"O que aqui assume, aos olhos dos homens a forma fantasmagórica de uma relação entre objetos materiais, nada mais é do que uma relação social concreta estabelecida entre os próprios homens".⁽⁴⁾

Uma relação social que é a marca do produto do trabalho humano, é coisificada na medida em que este produto, no modo de produção capitalista é mascarado em mercadoria.

Temos pois, aqui, a alienação de mais um dos traços constitutivos do homem, do seu modo de ser social, de uma relação social concreta, a partir da descoberta, por Marx, do caráter fetichista da manifestação objetiva dessas relações sociais.

Sem nos propor uma análise da alienação em todas as suas manifestações na sociedade capitalista, achamos necessário pelo menos, fazer referência a algumas das suas formas.

Trata-se, como sabemos, de uma sociedade dividida em classes onde uma classe se apropria dos produtos do trabalho de outra classe. Este processo de expropriação, no caso específico da sociedade brasileira, tem levado as classes exploradas a uma pauperização sem precedentes na história.

4. K.Marx citado por Sanchez Vasquez, Adolfo, op. cit., pg. 446.

Esta expropriação se verifica também ao nível da produção cultural.

Como afirma Álvaro Vieira Pinto: "É evidente que o grupo dos que trabalham e quase nada consomem da cultura que produzem especializando-se no manejo dos instrumentos materiais, das técnicas produtivas, perde contacto com o outro lado da cultura, as idéias, o saber, a ciência, que ficam na cabeça dos privilegiados enquanto as ferramentas ficam nas mãos dos trabalhadores. Os que detêm a exclusividade dos bens ideais da cultura, porque já possuem a propriedade, também exclusiva, dos instrumentos materiais da produção, apropriam-se do poder de ditar a destinação do concebido; de definir a finalidade das idéias. Chega-se assim, a cisão da sociedade entre dois grupos desiguais, que, ambos, manejam produtos da cultura, com a diferença apenas, de que um, o minoritário e dominante, se reserva a parte ideal da criação cultural, enquanto a imensa maioria se vê forçada a apenas operar com os produtos materiais da cultura".⁽⁵⁾

As classes exploradas, produzem a riqueza material e cultural, mas não participam da sua fruição. Seus produtos culturais não são reconhecidos como tais, mas como coisas folclóricas. As idéias, as representações que podem formular para exprimir sua percepção de si, de suas relações sociais e de suas relações com a natureza, não são reconhecidas, mas são reprimidas e até certo ponto substituídas pela ideologia dominante, que é a ideologia da classe dominante.

Esta mesma classe dominante, para manter submissas as classes exploradas, constrói todo um aparato de dominação quer pela repressão violenta, quer pela repressão cultural e ideológica.

Domina e dirige politicamente toda a sociedade à revelia das classes exploradas tentando impedi-las de decidir seus próprios destinos históricos.

Referindo-nos a um terceiro traço constitutivo da natureza humana, a historicidade, cumpre assinalar que o homem, mesmo imprimindo suas marcas na história que constrói e da qual é um produto, sofre nesta mesma história que ele faz, o fenômeno da alienação.

5. Vieira Pinto, Álvaro, in *Ciência e Existência*, pg. 129, Editora Civilização Brasileira, 1969.

Segundo Adolfo Sanchez Vasquez, "A essência humana é histórica num duplo sentido:

- a - Na medida em que só se dá historicamente
- b - Na medida em que ela mesma é um produto histórico".⁽⁶⁾

"Os homens produzem sua própria história com sua atividade prática, social, ainda que durante séculos não tenham visto nela sua própria obra".⁽⁷⁾ O exercício do poder político por parte das classes dominantes tem relegado as classes dominadas, geralmente, a um papel secundário, de espectadoras ou simples massa de manobra, na história.

O homem, enquanto totalidade (humanidade) produz a história, mas o caráter classista da sociedade impõe às classes dominadas o alheamento da história, e mesmo que deixem suas marcas na história estão dela alienadas enquanto classes. A intencionalidade ou participação consciente no processo histórico, no fazer a história, controlando conscientemente as condições econômicas, sociais e políticas do seu desenvolvimento lhes é negada.

6. Sanchez Vasquez, Adolfo, op. cit., pg. 424.

7. Idem, pg. 425.

A EDUCAÇÃO E O COMPROMISSO DO EDUCADOR

O primeiro e o segundo capítulos deste trabalho objetivaram, como já foi exposto, assentar alguns fundamentos que nos permisssem discorrer sobre a educação e o compromisso do educador. Apointamos inicialmente, os traços constitutivos de uma natureza humana, segundo a abordagem dialética. Mostramos a seguir, como estes traços constitutivos são alienados pela sociedade capitalista.

Acreditamos que uma concepção de educação, para ser concreta, real, vale dizer, para não cair em abstrações não justificadas, deverá ser erigida sobre uma concepção de homem, de natureza humana, e sobre uma concepção de sociedade, isto é, da sociedade em que ao mesmo tempo que produz este homem, é produzida por ele. Pensamos que se não chegamos a cumprir este objetivo, no primeiro e segundo capítulos, pelo menos, nos aproximamos dele.

Nos propomos, neste capítulo, discorrer sobre uma concepção de educação, que tendo como ponto de partida a natureza humana anteriormente considerada e que levando em consideração o tipo de sociedade aqui descrita como responsável pela tentativa de alienação desta natureza humana tenha como objetivo contribuir para desalienar os homens concretos, apontar no sentido da libertação, da desalienação daqueles três traços constitutivos já referidos.

Alguns educadores já desenvolveram trabalhos, propuseram teorias e tentaram lançar as bases de uma educação que viesse possibilitar ao homem, sujeito objeto da educação, o seu reconhecimento no mundo, a sua inserção na transformação das sociedades opressoras e a sua auto-determinação como sujeito.

Mas, não é nossa intenção aqui, analisar as diversas propostas de uma pedagogia para a libertação, objetivo que para dizer o mínimo, seria pretencioso.

Nos deteremos em salientar algumas das propostas de Paulo Freire não só por ter orientado nossa prática de educador em toda sua existência, o que por si só já justificaria a escolha - mas principalmente por ter demonstrado que desde sua criação, foi a proposta mais consequente e a que conseguiu na prática, nas experiências educacionais desenvolvidas junto aos oprimidos e com eles, dar as respostas mais

satisfatórias. Não se trata, no entanto de empreender uma busca de todos os conceitos e de todas as categorias teóricas que compõem o pensamento do autor em toda sua obra, mas de captar em suas propostas alguns conceitos centrais que sugerem explícita ou implicitamente a superação da alienação da natureza humana em seus traços: trabalho, historicidade e relações sociais. E mais, tomamos como ponto de referência, exclusivamente, sua obra "Pedagogia do Oprimido" pela presença, neste ensaio, dos temas centrais desenvolvidos em outros trabalhos e por se constituir, como um produto de um maior esforço de sistematização teórica na obra mais amadurecida do autor.

Inicialmente, cabe aqui salientar uma das características de todo o pensamento do autor: a fluidificação dos conceitos e das categorias que compõem sua obra. Este é um dos traços que se por um lado dificulta qualquer tarefa de sistematização, por outro lado - e é isto que tem ocorrido, felizmente - torná-lo aceitável pelas mais diversas correntes de pensamento não sectário comprometidas com a destruição das estruturas de opressão.

No plano das relações sociais, relações entre homens, portanto, já vimos que esta relação se encontra coisificada, fetichizada. As relações existem entre uns que dominam e outros, que pela venda da sua força de trabalho, se vendem, se coisificam.

Não encontraremos, no trabalho de Paulo Freire, qualquer análise do caráter de mercadoria que assume o trabalhador ao vender sua força de trabalho. Mas, este conceito, permeia toda sua obra quando ele trata das relações entre opressores e oprimidos (capital x trabalho, que ele não diz textualmente) e entre educadores e educandos. Avança, também, algumas considerações sobre a questão da consciência oprimida quando afirma que o oprimido é "hospedeiro" da consciência do opressor, pela introjeção em sua consciência, do caráter de mercadoria, de coisa, que envolve a relação entre o capital e o trabalho. "... os oprimidos se sentem como se fossem uma quase "coisa" possuída pelo opressor.

Enquanto, no seu afã de possuir, para este, como afirmamos, ser é ter a custa quase sempre dos que não tem, para os oprimidos, num momento de sua experiência existencial, ser nem sequer é parecer com o opressor, mas é estar sob ele. E depender. Daí que os oprimidos sejam dependentes emocionais".⁽¹⁾ O oprimido é no decorrer de todo o seu

1. Paulo Freire, in Pedagogia do Oprimido, Ed. Paz e Terra, pg. 56, 1970.

discurso, um ser dual, um ser inautêntico, em decorrência desta relação de dominação. Um ser que entanto não constrói pela reflexão e ação, ou por outras palavras, pela unidade dialética entre a teoria e a prática uma consciência de conformidade com seu ser social, ser em si e para si, permanece ambíguo.

Esta relação coisificada, fetichizada entre os detentores do capital e os que possuem apenas sua força de trabalho, já sabemos que, na sociedade capitalista, se expande e envolve todas as relações sociais. Tudo passa a ter o caráter de mercadoria, tudo pode ser trocado. Em Pedagogia do Oprimido encontramos duas teses centrais que estabelecem no âmbito da teoria educacional as condições que devem caracterizar qualquer transformação, qualquer mudança, no sentido da superação desta contradição.

Estas duas teses são a concepção problematizadora da educação e a teoria da dialogicidade.

A concepção problematizadora da educação é desenvolvida sempre fazendo referência ao seu contrário antagônico: a concepção "bancária". Esta concepção problematizadora, nega e propõe a superação do caráter coisificado que envolve as relações entre os homens, que envolve as relações entre educador e educando. Parte de um profundo respeito pelo homem, pelo homem oprimido, concretamente pelas classes exploradas. O homem do povo, operário, camponês, habitante da favela ou do campo tem sua visão de mundo, tem uma cultura, tem capacidade de pensar, de formular conceitos e de agir segundo seus interesses. Sua consciência não é vazia, não é algo que se vá enchendo de comunicados, de depósitos.

O conhecimento a que pode chegar, da situação de opressão em que vive e da luta que deve travar pela sua superação, não é um conhecimento doado, não é composto de informações fragmentadas - que lhe são depositadas messiânicamente. É um conhecimento auto-construído; construído com um esforço constante de reflexão e ação, ação (praxis) que transforma o mundo que o cerca. Reflexão sobre o resultado da sua (e dos outros) praxis, que irá por sua vez informar a ação.

Conhecimento que por ser autoconstruído só poderá ser construído pelo próprio indivíduo, isto é, ninguém poderá substituí-lo. Mas também, um conhecimento que pressupõe e torna indispensável a existência de relações com a natureza, com o mundo construído e com os outros homens. Conhecimento que só pode ser construído a partir da

ação e reflexão. Nas palavras do próprio Paulo Freire: "O que nos parece indiscutível é que, se pretendemos a libertação dos homens, não podemos começar por aliená-los ou mantê-los alienados. A libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é, uma palavra a mais, ôca, mitificante. É praxis, que implica na ação e na reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo". (2)

Isto, exatamente porque não podemos aceitar a concepção mecânica da consciência, que a vê como algo vazio a ser enchido, um dos fundamentos implícitos na visão bancária.

"Ao contrário da "bancária", a educação problematizadora, respondendo à essência do ser da consciência, que é sua intencionalidade, nega os comunicados e existencia a comunicação. Identifica-se com o próprio da consciência que é sempre ser consciência de, não apenas quando se intenciona a objetos, mas também quando se volta sobre si mesma". ...

Negar os comunicados e a doação do "conhecimento" e existir a comunicação é, segundo Freire, o ato ou processo educativo por excelência. Educar torna-se um ato cognoscente e não um ato de transferir "conhecimentos" ou informações para alguém. O objeto a ser conhecido, deixa de ser o término do processo educativo e torna-se o mediatizador deste processo. Educador e educando se situam em uma relação de igualdade face ao "constructo". O conhecimento a ser construído na relação educador-educando é enriquecido à medida em que ambos informam esta situação gnosiológica com suas visões de mundo, com suas experiências.

Ou por outras palavras, o ato de educar não se divide em duas etapas, em duas faces, uma primeira em que o educador se prepara, se informa, estuda na biblioteca e uma segunda em que ele, no ato "educativo" transfere esta informação. O ato de educar, segundo a concepção problematizadora da educação, é o que Freire chama de "situação gnosiológica", é o momento em que educador e educando, ambos "sujeitos cognoscentes", trabalham os dados da realidade concreta, tratam o "objeto cognoscível" tendo como ponto de partida não só o objeto, mas o conhecimento anterior do educador e do educando. O conhecimento mais

2. Paulo Freire, op. cit., pg. 77.

elaborado do educador e a experiência do educando fazem do objeto do conhecimento, o ponto de incidência da sua reflexão crítica.

Nas palavras de Paulo Freire, na concepção problematizadora da educação, o educador "É sempre um sujeito cognoscente, mesmo quando se encontra dialogicamente com os educandos".⁽³⁾ Continua, afirmando, que "O objeto cognoscível, de que o educador bancário se apropria, deixa de ser, para ele, uma propriedade sua, para ser a incidência da reflexão sua e dos educandos.

Deste modo, o educador problematizador refaz, constantemente, seu ato conoscente, na cognoscibilidade dos educandos. Estes, em lugar de serem recipientes dóceis de depósitos, são agora investigadores críticos em diálogo com o educador, investigador crítico também".⁽⁴⁾

Assim, deixa de existir um educador que educa e um educando que é educado. É superada a contradição entre educador e educando e passa a se constituir uma nova relação entre homens, ambos na busca do conhecimento, do desvelamento da sociedade opressora surgindo o que o autor denomina de educador-educando e educando-educador.

A relação entre os homens enquanto homens que em qualquer formação social capitalista toma a forma de relação entre coisas sem dúvida só pode ser alcançada na medida em que for superada a contradição capital x trabalho com a destruição do modo de produção que possibilita e cria estas relações sociais e o surgimento de um outro modo de produção onde não seja mais possível sua existência. Não encontramos no trabalho analisado qualquer referência explícita à superação desta contradição, apesar de o autor propor sempre a transformação da sociedade opressora como resultado também de uma praxis educativa em vários momentos, lugares ou oportunidades.

O que vale salientar, em função dos objetivos e limites do nosso trabalho, é que a concepção problematizadora da educação propõe a relação entre homens como relações entre educador e educando, e vice-versa, antes, durante, e após a substituição da sociedade opressora. Que as relações fetichizadas se tornem desde já na praxis dos homens relações entre homens. Esta é ao nosso ver a tônica principal a temática central que é proposta pela concepção problematizadora da educação.

3. Paulo Freire, op. cit., pg. 79.

4. Paulo Freire, op. cit., pg. 80.

Quanto à teoria da dialocidade, não parece ser não só um desdobramento da concepção problematizadora da educação, mas também uma condição necessária para que esta seja efetivada. A existência de relações sociais que coisificam os homens, produz homens coisas, segundo Freire, homens que trabalham, agem, pensam, ouvem e falam, segundo interesses e idéias que lhes são estranhos e geralmente contrárias.

O autor de *Pedagogia do Oprimido*, propõe uma concepção de educação que faz da prática educativa um dos momentos, uma das instâncias em que educadores e educandos lutam pela superação destas condições de opressão.

O desvelamento da realidade, a conscientização por parte dos oprimidos como ponto de partida da sua luta pela libertação, deverão ter como um dos pressupostos, o diálogo. O diálogo, será segundo Paulo Freire uma exigência existencial nas relações entre os homens que buscam juntos a compreensão da sociedade opressora.

O diálogo entre os oprimidos, (educadores e educandos) irá possibilitar o desvelamento do mundo, o pronunciar o mundo, o dizer o mundo, como um dos momentos da sua ação-reflexão para transformá-lo. Com suas próprias palavras: "Não é no silêncio, que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão".⁽⁵⁾

"O diálogo, é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto na relação eu-tu. Porque é encontro de homens que pronunciam o mundo, não deve ser doação do pronunciar de uns a outros. É um ato de criação. Daí, que não possa ser manhoso instrumento de que lance mão um sujeito para a conquista do outro. A conquista implícita no diálogo, é a do mundo pelos sujeitos dialógicos, não a de um pelo outro. Conquista do mundo para a libertação dos homens"...⁽⁶⁾

Esta proposta significa, ao nível da prática educacional, a superação de uma relação entre educando e educador, caracterizada pela supremacia de um que sabe e outro que não sabe, um que fala e outro que ouve, um que prescreve e outro que executa. Significa a superação destas dicotomias, que têm como origem uma relação econômica determinada, que por sua vez é gerada na matriz econômica da sociedade, e que, fundadas em um falso existir, em uma falsa relação entre homens, rever

5. Paulo Freire, op. cit., pg. 92.

6. Paulo Freire, op. cit., pg. 93.

tem sobre esta matriz e a reforçam. A historicidade do homem, é um tema que está muito claro no desenvolvimento de todo o trabalho que analisamos. É ao mesmo tempo um tema que está estreitamente relacionado com os outros dois, que por sua vez estão relacionados entre si.

O autor reconhece em vários momentos, o caráter histórico do homem. O homem que ao mesmo tempo que produz a história, é produzido por ela. O homem que deixa suas marcas na história, mesmo que este ja impedido de reconhecê-las como produtos seus. É tratada também, a questão da alienação desta dimensão do homem, na medida em que Freire ao analisar o que ele chama de consciência ingênua, demonstra a "imersão" e o imobilismo em que se encontram os oprimidos, impedidos de se reconhecer como seres históricos, e de controlar as condições econômicas, sociais e políticas que movem a história, de forma consciente, fazendo da história um produto de sua ação-reflexão.

Para Paulo Freire, a educação é um momento em que deve ser afirmada por parte de educadores e educandos a historicidade do homem. Pela educação, na prática educacional, oprimidos, - educadores e educandos - afirmam sua historicidade, na medida em que problematizam as condições concretas de existência. Indagam, discutem e analisam, e este indagar, discutir e analisar implica necessariamente em propor, em anunciar a sociedade do futuro, construída pela sua ação. A tomada de consciência da sua situação de oprimidos e das determinações que produzem a opressão, dá origem à compreensão da dimensão histórica da opressão.

Cria a idéia do movimento permanente em que estão inscritos no tempo. "Desta forma, aprofundando a tomada de consciência da situação, os homens se "apropriam" dela como realidade histórica, por isto mesmo, capaz de ser transformada por eles.

O fatalismo cede, então, seu lugar ao ímpeto de transformação e de busca, de que os homens se sentem sujeitos. (7)

Assim a categoria de historicidade se explicita no trabalho do autor com um conteúdo profundamente relacionado com a categoria de praxis. Ao mesmo tempo, a historicidade do homem, da forma como é apresentada em sua obra, se efetiva a partir da concepção problematizadora da educação e da teoria da dialogicidade que a envolve, fazendo a educação se constituir em praxis educacional e não mais apenas como um ato de "educar" supostamente neutro.

7. Paulo Freire, op. cit., pg. 85.

Um outro traço constitutivo da natureza humana de que tratamos no primeiro capítulo é abordado em *Pedagogia do Oprimido*, e as idéias ali desenvolvidas apontam no sentido da sua desalienação, da sua afirmação em toda a plenitude. É o trabalho humano, aquele traço que exatamente o constitui como homem e a partir do qual surgem as relações sociais e a historicidade. O trabalho é referido apenas de passagem, sem receber um tratamento específico, o que fugiria ao objetivo que se propôs o autor. Não são desenvolvidas análises sobre a produção de mais-valia, sobre a compra e venda da força de trabalho, nem sobre a alienação/desalienação do trabalho.

Mas, o conceito de praxis está exposto durante toda a obra em vários momentos. A teoria da dialogicidade, a concepção problematizadora da educação, o ato de educar, são para o autor, praxis transformadora das consciências e forças transformadoras das sociedades humanas. O conceito de trabalho se amplia e passa a ser, não apenas trabalho produtivo, mas ação transformadora realizada pelo trabalhador social (educador) e pelos educandos. Na maioria das vezes em que Freire se refere à sociedade opressora e aos oprimidos, propõe sua libertação pela superação das condições de opressão, de forma um tanto imprecisa.

Mas, encontramos, de forma suficientemente clara para não permitir dúvidas quanto à sua proposta no que se refere à alienação/desalienação do trabalho, o seguinte trecho:

"... na medida em que os homens criam o seu mundo, que é mundo humano, - e o criam com seu trabalho transformador - se realizam. A realização dos homens enquanto homens, está, pois, na realização deste mundo. Desta maneira, se seu estar no mundo do trabalho é um estar em dependência total, em insegurança, em ameaça permanente enquanto seu trabalho não lhes pertence, não podem realizar-se".⁽⁸⁾

Ainda falando dos oprimidos, afirma que eles "unificados e organizados, porém, farão de sua debilidade força transformadora, com que poderão recriar o mundo, tornando-o mais humano".⁽⁹⁾

Tarefa que para ser realizada, terá que contar com a contribuição mediadora da educação, que segundo o autor, possibilitará a tomada de consciência por parte dos oprimidos, das condições de opres-

8. Paulo Freire, op. cit., pg. 170.

9. Paulo Freire, op. cit., pg. 170.

são e a sua inserção no processo de transformação que dará origem ao mundo do trabalho, onde os homens possam realizar sua vocação ontológica de ser mais homens.

C O N C L U S O E S

Concluimos, após as considerações aqui expostas, que numa sociedade opressora, a educação para servir aos interesses das classes oprimidas, dominadas, deverá se colocar à disposição da transformação profunda das estruturas sociais de dominação. Deverá ter necessariamente, como pressupostos teóricos, a concepção de mundo própria das classes interessadas nestas mudanças.

Uma tal concepção de educação, partindo de uma essência humana captada objetivamente, no trabalho, nas relações sociais e no tempo histórico deverá trazer em seu bojo, o conteúdo e os métodos que torna-la-ão eficiente e eficaz. Isto é, que possibilitem a desocultação das estruturas de dominação e que possam orientar a praxis das classes dominadas no sentido da superação destas estruturas. A superação destas estruturas de dominação carrega consigo uma proposta de mudança que na medida em que causa a destruição da velha ordem e possibilita o surgimento de uma nova ordem, torna-se autoritária em seu conteúdo.

É a proposta autoritária das classes dominadas que têm como objetivo varrer para sempre da face da terra, a dominação. Autoritária na medida em que visa impedir a classe dominante de continuar sua dominação.

A contradição não-antagônica desta proposta é a inauguração do reino da liberdade da classe que deixará de existir como classe e se identificará com a humanidade, que pelo fato de ser classe trabalhadora é uma classe universal. Que libertando-se da dominação, impedirá a dominação.

O autoritarismo do seu conteúdo, aqui explicitado, não implica também autoritarismo na forma, ou melhor nos métodos. Neste sentido as teses de Paulo Freire aqui abordadas constituem uma orientação preciosa no sentido da formulação de uma pedagogia muito precisamente direcionada em seu conteúdo, mas democrática na forma.

Uma pedagogia que tenha como ponto de partida a essência humana aqui delineada e que tenha como objetivo a realização integral desta essência deverá repensar as teses expostas por Paulo Freire, desenvolver-las e enriquecê-las, por se constituir um referencial teórico

que demonstrou sua força transformadora nos lugares em que foram realizadas experiências tendo este referencial como ponto de partida.

Por isto, nos parece que contribuir para a formulação de uma pedagogia a serviço das classes dominadas e empreender um esforço no sentido de pô-la em prática na escola e fora da escola deverá ser o verdadeiro compromisso do educador.

B I B L I O G R A F I A

1. SANCHEZ VASQUEZ, Adolfo. Filosofia da Praxis. Editora Paz e Terra, 1968.
2. BRAVERMAN, Harry. Trabalho e Capital Monopolista. Zahar Editores, 1977.
3. VIEIRA PINTO, Álvaro. Ciência e Existência. Editora Civilização Brasileira, 1969.
4. FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Editora Paz e Terra, 1970.
5. SCHOFF, Adam. O Marxismo e o Indivíduo. Editora Civilização Brasileira, 1967.
6. LUKÁCS, Georg. História e Consciência de Classe. Publicações Escorpião, Porto, Portugal, 1974.
7. KOSIK, Karel. Dialética do Concreto. Editora Paz e Terra, 1975.

